

Decolonizando o Currículo? transformação, emoções e posicionamento docente: urgência que cruza caminhos, geografias e posicionalidades

Decolonizing the Curriculum? transformation, emotion, and positionality in teaching: urgency that cross paths, geographies and positionalities

¿Descolonizar el currículum? transformación, emoción y posicionalidad en la docencia: urgencias que cruzan caminos, geografías y posicionalidades

Douglas dos Santos¹

Letícia Vieira²

Mi Medrado³

Sarah Cheang⁴

Shehnaz Suterwalla⁵

Resumo

Esse artigo é a transcrição oral da mesa encerramento intitulada Decolonizando o Currículo? Transformação, Emoções e Posicionamento Docente, do 18º Colóquio de Moda, na Universidade de Fortaleza, UNIFOR, Brasil, no dia 23 de setembro, sábado, às dez da manhã. A mesa foi composta pelos designers-pesquisadores Douglas Santos e Letícia Vieira, formados pela Universidade Federal do Ceará, e Professora Sarah Cheang, que compartilhou em sua apresentação texto escrito com a Professora Shehnaz Suterwalla, do Royal College of Art, Londres, Reino Unido. A apresentação da conferência foi traduzida previamente por Mi Medrado, que também mediou a conferência.

Palavras-chave: Decolonial; Currículo; Urgência.

Abstract

The article is an oral transcription from the closing keynote panel entitled Decolonizing the Curriculum? Transformation, Emotion, and Positionality in Teaching, at the 18th Fashion International Colloquium, at the University of Fortaleza, UNIFOR, Brazil, on September 23rd, Saturday, at ten in the morning. The panel was composed of the designers-researchers Douglas Santos and Letícia Vieira, who graduated from the Federal University of Ceará (UFC), and Professor Sarah Cheang, whose presentation text was a joint work with her colleague Professor Shehnaz Suterwalla, from the Royal

¹ Designer e pesquisador do campo da Moda, Docência e Arte, graduado pela Universidade Federal do Ceará. Consultor de estilo e artista multilinguagem faz costuras entre o cotidiano brasileiro e a cultura negra diaspórica por meio de contos, figurinos e performances. Integrante do grupo de estudos e pesquisa "Colonização e Ensino do Design no Brasil" Universidade Federal do Ceará. <https://orcid.org/0009-0008-0077-2971>. E-mail: dasartistica@gmail.com.

² Designer de Moda, paulistana cis preta, graduada pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora e empreendedora fundou o Ateliê Letícia Vieira. Desenvolve de moldes digitais para marcas de moda e roupas sob medida. Integrante do grupo de estudos e pesquisa "Colonização e Ensino do Design no Brasil" Universidade Federal do Ceará. Orcid: 0009-0009-0247-5396. E-mail: leticia2.vieira@gmail.com

³ Antropóloga, editora e pesquisadora-ativista de moda decolonial. Doutoranda em Antropologia na Universidade Federal da Bahia, investiga estética, raça e poder entre Brasil e Angola. Pesquisadora-Fundadora do grupo de estudos Moda e Decolonialidade Encruzilhadas no Sul Global - CoMoDE. Editora-chefe e curadora no Research Collective for Decoloniality and Fashion - RCDF. Integrante do grupo de estudos e pesquisa "Colonização e Ensino do Design no Brasil" Universidade Federal do Ceará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7897-8488>; E-mail: mi@mimedrado.com.br.

⁴ Chefe do Programa de História do Design do Royal College of Art, Londres. Investigadora de moda transnacional do Leste Asiático, etnia, cultura material e o corpo do século XIX até os dias atuais. Membro-Fundadora do Research Collective for Decoloniality and Fashion - RCDF e OPEN Research. Orcid ID <https://orcid.org/0000-0001-7720-6750>. E-mail: sarah.cheang@rca.ac.uk

⁵ Escritora, crítica e curadora. Tutora Sênior (Pesquisa) no Royal College of Art, Londres, onde lidera o The Urgency of the Arts unit in the School of Arts and Humanities. Preocupa-se com a práxis decolonial e seus interesses estão relacionados a arte, a escrita literária, em particular à escrita artística a partir do conceito decolonial aestheSis. <https://orcid.org/0009-0006-5112-5446>. E-mail: shehnaz.suterwalla@rca.ac.uk

College of Art, London, United Kingdom. Mi Medrado, who mediated the panel, previously translated the conference presentation.

Keywords: Decolonial; Curriculum; Urgency.

Resumen

Este artículo es la transcripción oral del panel de clausura titulado ¿Descolonizar el currículo? Transformación, Emociones y Posicionamiento Docente, en el XVIII Coloquio de Moda, en la Universidad de Fortaleza, UNIFOR, Brasil, el sábado 23 de septiembre, a las diez de la mañana. El panel fue integrado por los diseñadores-investigadores Douglas Santos y Letícia Vieira, graduados de la Universidad Federal de Ceará, y la profesora Sarah Cheang, quien compartió en su presentación un texto escrito con la profesora Shehnaz Suterwalla, del Royal College of Art, Londres, Estados Unidos. Reino. La presentación del panel fue previamente traducida por Mi Medrado, quien también medió en la conferencia.

Palabras clave: Decolonial; Currículo; Urgencia.

1 Decolonizando o currículo? Transformação, emoções e posicionamento docente

Fala de Sarah Cheang

Muito obrigada. Sinto-me honrada por estar aqui aprendendo e compartilhando com vocês. Obrigada por me convidar para estar no território online brasileiro e por traduzir minhas palavras para o português.

No Reino Unido, no Canadá e nos Estados Unidos, os apelos para a decolonização dos currículos do ensino superior e das exposições dos museus não são novidade, mas nunca tiveram uma atenção pública tão ampla. Os museus e as universidades estão tendo que reagir - alguns melhores do que outros. Todos criaram comitês, nomearam novos funcionários para a diversidade e inclusão e criaram programas de treinamento de pessoal e grupos de leitura para demonstrar que estão tomando medidas para se tornarem instituições "antirracistas". Ênfase que as instituições estão demonstrando que estão dando passos em direção a algo, e não a ideia de que agora são efetivamente antirracistas.

No Reino Unido, temos visto campanhas lideradas por estudantes para a remoção de estátuas que celebram histórias do colonialismo britânico. Vimos a renomeação de espaços universitários e a atualização de listas de leitura para tentar torná-las menos Eurocêntricas. Muitos acadêmicos também têm sido defensores ferrenhos e furiosos, há muito tempo, por uma agenda de ensino que faça mais do que falar da boca para fora sobre questões de pós-colonialismo, racismo institucionalizado e marginalização de perspectivas de descendentes não-europeus.

Essas são atividades emocionais, e as quais trazem emoção para a sala de aula. Os alunos e professores que se sentem ofendidos pelas histórias coloniais de opressão racista ficam furiosos e querem ver mudanças nas formas como as instituições culturais lidam com as histórias coloniais.

Os alunos e professores que são acusados de racismo também ficam furiosos e chateados, às vezes com raiva de si mesmos e às vezes com raiva dos outros, quando se sentem julgados injustamente.

Os alunos e professores que se sentem culpados por seu privilégio branco estão chateados e procuram ajuda e a garantia de que podem fazer algo que os faça a se sentir menos culpados.

E os alunos e professores que vivenciam o racismo em sua vida cotidiana, por causa de sua aparência e de sua maneira de falar, até mesmo por causa de seu nome, estão sensibilizados e sensíveis a atitudes racistas nos materiais de estudo e no comportamento de tutores e colegas.

A mesma pessoa pode fazer parte de todos os quatro grupos que menciono aqui. Eu poderia estar me sentindo enfurecida e agindo contra o racismo quando me deparo com ele, me sentindo amarga ou chateada por sofrer racismo na vida cotidiana por causa da minha herança asiática, me sentindo culpada pelas áreas de privilégio branco de que também desfruto e me sentindo irritada comigo mesma quando, por descuido, faço com que outra pessoa sofra racismo ou deixo de denunciar o racismo quando o vejo, e tudo isso poderia estar acontecendo na mesma semana ou até no mesmo dia.

Além disso, poucas pessoas querem fazer com que os outros sintam raiva ou se machuquem, e muitos de nós têm medo da raiva. Portanto, o medo é outra emoção que está presente. Medo de machucar os outros ou provocar uma resposta furiosa.

Então, tudo isso soa terrível. Onde está a alegria? Onde está o amor que temos por nosso objeto de estudo, por nossa prática e uns pelos outros? Esse é mais um efeito da colonialidade, o fato de que a decolonização pode ser incômoda e problemática, e como podemos lutar contra isso, permanecer motivados, ativos e voltar para casa à noite depois de ter tido um bom dia?

Para mim, buscar a alegria e entender a dor faz parte do que significa repensar o ensino da história da moda por linhas decoloniais. Faz parte de um ethos (qualidade inerente, hábito) que busca se envolver com a relacionalidade, o significado e as hierarquias estéticas e culturais de novas maneiras, refletindo sobre as condições da colonialidade e como ela nos faz sentir. Trata-se de um confronto mais profundo com as condições coloniais em curso, desvendando as hierarquias de conhecimento em museus, universidades e no setor da moda para entender onde elas se originaram e a quem beneficiam. E assim, buscar outra maneira de fazer as coisas.

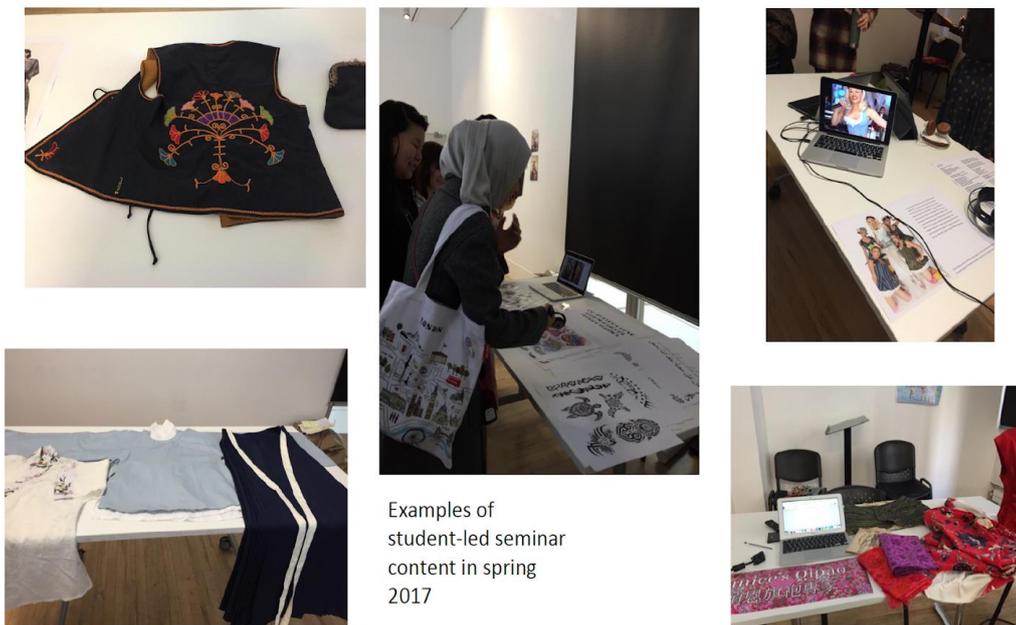
Esse ethos, para mim, ajuda a responder a perguntas sobre como se relacionar com as histórias coloniais e seus legados, quem quer que sejamos, para tentar tornar isso uma experiência mais positiva e generativa para todos na sala de aula. Como agir, como praticar, com consciência e percepção das lutas contínuas e das cargas emocionais desiguais. Para os acadêmicos, além do conteúdo de nossas listas de leitura, isso envolverá um afastamento precário de certezas e hábitos, uma recalibração das medidas de conhecimento e estética, um salto da torre de marfim para territórios emocionais.

Esse artigo é baseado na parceria com a minha colega Shehnaz Suterwalla. Juntas temos explorado novas formas de ensinar e pesquisar como práxis | prática decolonial, e isso envolveu experimentar técnicas para trabalhar com a emoção. Aqui está a nossa história.

2 SEMINÁRIOS em 2017

Em 2017, fiquei frustrada com um curso de seminário de mestrado em História do Design chamado "Global Fashion Histories", que eu havia ministrado no Royal College of Art em Londres por seis anos. Os alunos estavam aprendendo sobre uma gama diversificada de histórias, questionando como os conceitos de moda tinham sido dominados por posições Eurocêntricas brancas, reconhecendo algumas das dinâmicas de poder em jogo e produzindo narrativas alternativas e uma boa análise historiográfica crítica. Tudo parecia bem, e o curso foi muito bem recebido. Porém, senti que a conversa se limitou a assuntos acadêmicos de uma forma que, de alguma maneira, reduziu o significado do que estávamos fazendo.

Figura 1: Apresentação - Decolonizing the curriculum? Transformation, emotion and positionality/Decolonizando o currículo? Transformação, emoções e posicionamento docente.



Fonte: Cheang, Sara. Colóquio de Moda, Fortaleza, 2023

Estávamos confortáveis demais, discutindo histórias atroztes de opressão colonial. Os alunos traziam exemplos de suas próprias origens culturais, por exemplo, da Índia, de Hong Kong ou da diáspora britânica do sul da Ásia, mas será que poderia haver mais acompanhamento em termos do que isso significava para eles ou para o campo de estudos de moda? Filmes, imagens, objetos, visitas, músicas e histórias de vida enchiam nossos seminários, consolidando a compreensão e ampliando o conhecimento sobre a história da moda, mas os textos estabelecidos continuavam implicitamente centrais para a ideia de aprendizado "verdadeiro".

Além disso, as atividades em sala de aula envolviam a contribuição constante dos alunos na forma de apresentações em grupo e outras atividades, mas pareciam inevitavelmente conduzidas por mim, como professora, que ficava na frente e definia a pauta do início ao fim, de acordo com as hierarquias de conhecimento habituais.

Pensei em uma maneira de fazer algumas mudanças e vislumbrei uma oportunidade (o que Mignolo e Vazquez poderiam chamar de "opção decolonial"). Entrei em contato com Shehnaz, que estava ministrando um curso paralelo sobre

subculturas que incluía conteúdo de moda e que estava interessada em explorar um território semelhante.

Organizamos nossos cursos separados para a primavera de 2018 para que fossem programados no mesmo horário e as salas no mesmo corredor. Isso significava que poderíamos ir além dos limites normais das turmas, combinando os nossos dois grupos de alunos de várias maneiras. Também aproveitamos o horário do anfiteatro, que naquele momento não estava sendo usado para palestras noturnas na faculdade. Decidimos pedir aos nossos alunos que produzissem algum tipo de manifesto colaborativo para a prática decolonial como resultado de nossos dois cursos e também que organizassem algum tipo de evento público, o que então acabou se tornando a tarefa. Os resultados esperados de aprendizado permaneceram os mesmos (aprender a pensar criticamente sobre como as histórias da moda são escritas e contadas), mas nossos métodos para chegar lá é que foram alterados.

Deve-se observar que, essa não era uma direção que nossos empregadores haviam solicitado que seguíssemos. Nesse estágio, não tínhamos recursos adicionais. Tínhamos 30 alunos de mestrado, duas salas, um auditório emprestado, e nós mesmos. Quando as coisas começaram a funcionar, conseguimos pedir uma taxa de palestrante visitante, que usamos da forma mais criativa possível, além de um orçamento muito pequeno para materiais e eventos. Um técnico também nos emprestou um espaço de estúdio para uma sessão, para que pudéssemos nos espalhar, e os administradores e a equipe da biblioteca foram inestimáveis em nos ajudar a encontrar outras maneiras de ir além dos limites de nossas salas de aula. Começávamos a encontrar no College trabalhadores que apoiavam os nossos objetivos - estávamos encontrando espíritos afins e fazendo conexões - e, ao trabalhar conosco, talvez eles também estivessem encontrando uma opção decolonial em suas próprias funções na instituição.

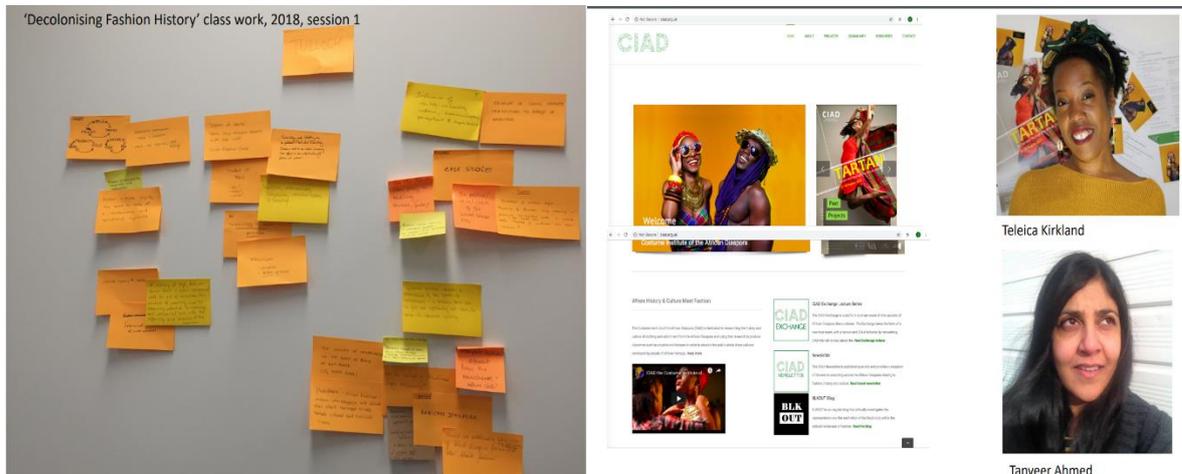
Reestruturamos nossos cursos da seguinte forma. Ensinamos nossos dois grupos de seminário separadamente durante as primeiras quatro semanas, concentrando-nos em fornecer aos nossos alunos um kit de ferramentas para fazer intervenções críticas. Chamei meu novo curso de "Decolonising Fashion History" [Decolonizando História da Moda] e minha turma estava pensando em como as histórias da moda poderiam ser escritas de forma diferente, concentrando-se na

colonialidade, na modernidade e na posicionalidade, e explorando a ideia de um manifesto ativista sobre como atuar como historiador da moda. A mudança não foi tanto em relação ao que aprendemos, mas como falamos sobre esse aprendizado como uma possível estratégia de decolonização. Compartilhar histórias pessoais, trazer objetos e assim por diante continuou a ser importante, mas foi dado mais espaço para que os alunos vissem esses aspectos em relação às tendências de universalização das epistemologias ocidentais e hierarquias estéticas, e para que relacionassem isso ao modo como gostariam de avançar como historiadores da moda.

As três sessões finais reuniram os nossos dois grupos como um todo. Os alunos trocaram abordagens críticas em um intercâmbio de habilidades. Eles ouviram e conversaram com Teleica Kirkland, diretora criativa do Costume Institute of the African Diaspora, e com a professora visitante Tanveer Ahmed, que também conduziu uma sessão sobre a decolonialidade da biblioteca e que, com Shehnaz, estava dirigindo um grupo de leitura feminista de mulheres racializadas na faculdade. Todos também fizeram zines, sobre os quais falarei adiante.

E, por fim, os alunos planejaram, organizaram e executaram o evento noturno, durante o qual exibiram um filme produzido como resposta ao nosso manifesto. Ficamos muito satisfeitos em ver que eles também ocuparam a área próxima ao café durante a noite, convidando o público a realizar um exercício baseado em pôsteres feitos de post-its.

Figura 2: Quadro de slides com post-it de alunos e fotos de Teleica Kirkland e Tanveer Ahmed, respectivamente



Fonte: Cheang, Sara. Apresentação: Decolonizing the curriculum? Transformation, emotion and positionality/Decolonizando o currículo? Transformação, emoções e posicionamento docente. Colóquio de Moda, Fortaleza, 2023

3 Transformação, Emoções e Posicionamento Docente

3.1 PROVOCAÇÕES

Estávamos nos movendo para diferentes espaços sem esperar que nos pedissem, e nossos alunos estavam fazendo o mesmo, convidando outras pessoas a participar de nossos debates decoloniais.

O nível de ansiedade que praticamente todos sentiram em relação ao desafio de organizar um evento público e fazer um filme foi superado pela imensa sensação de contentamento durante e depois do evento, e pela ampla gama de colaborações e conexões entre a faculdade e nossa instituição parceira, o Victoria & Albert Museum. Uma comunidade com ativistas antirracistas tornou-se mais visível entre si. Consideramos todas as respostas ao evento final como críticas ao nosso ensino que nos ajudaram a refletir e a nos desenvolver, e não como críticas ao trabalho de nossos alunos.

Como resultado, ministrei meu curso de forma diferente novamente em 2019, tentando levar em conta as lições aprendidas e buscando maneiras aprimoradas de romper padrões antigos. Coloquei em primeiro plano as ideias de

trabalho colaborativo com mais ênfase, tentando usar isso para criar mais consciência da posição e da hierarquia dentro do grupo de alunos. Também passei a maior parte da primeira sessão tentando avaliar as expectativas dos alunos sobre como eles deveriam aprender e comunicar o valor de reconhecer e trabalhar com sentimentos de desconforto e incerteza se o que estivéssemos fazendo se afastasse dessas expectativas.

Pedi a três alunos a cada semana que preparassem algo que eles pudessem usar para iniciar a sessão, para que no início de cada seminário, fossem os alunos, e não eu, os primeiros a falar na sala. Em vez de culminar em um evento público ao vivo, na sessão final, pedi aos alunos que criassem e publicassem podcasts ou fizessem uma edição ativista da Wikipédia, como forma de digerir o que havíamos aprendido durante o período e situá-lo no mundo, em vez de apenas no discurso acadêmico. O sucesso ou fracasso dessas atividades nunca foi um ponto de avaliação - minha intenção era que as interações envolvidas ajudassem a informar as decisões críticas que os alunos estavam tomando em suas redações naquele período letivo.

3.2 KIMONO BASH RCA

No início de 2020, retomei a ideia de realizar um evento final como parte do meu curso. Em colaboração com um grupo de designers do Japão, organizamos uma noite pública em que qualquer pessoa poderia participar de oficinas e ouvir palestras sobre design de moda de quimono contemporâneo. Os alunos co-criaram um conjunto de diretrizes para interações de moda interculturais em relação a questões de apropriação cultural. Eles também ajudaram a projetar as atividades das oficinas e administraram o evento, desde as reservas até os photoboosts e muito mais, o que foi uma experiência prática de envolvimento sensível do público com o intercâmbio cultural e a política identitária.

3.3 Repensando a globalização e a decolonialidade na moda como processo.

Em 2021, 2022 e 2023, reformulei meu curso com o novo título de "Global Bodies: Fashion and Race" [Corpos Globais: Moda e Raça], trabalhando mais

profundamente com o conceito de Decolonial Aesthesis [decolonização pelos sentidos], em resposta à experiência de dois projetos dos quais participei: O livro *Rethinking Fashion Globalization* e a edição especial da revista "Decolonizing as Process" [Decolonização como processo].

3.4 Erica, Lesiba, Daan, Pui Yin Wong, Ceyda Oskay

Para ministrar essas sessões de ensino, usando o Zoom, juntei-me à curadora e escritora sul-africana Erica de Greef e ao designer Lesiba Mabitsela, do Africa Fashion Research Institute, ao curador Daan van Dartel, do National Museum of World Cultures, na Holanda, à artista Ceyda Oskay, que mora na Turquia, e à tecnóloga de aprendizagem Puiyin Wong. Essas colaborações trouxeram um conjunto mais amplo de vozes e locais para tentar descentralizar tanto eu, como professora, quanto Londres, como nosso local de ensino.

Figura 3: Fotos de pesquisadores Erica, Lesiba, Daan, Pui Yin Wong, Ceyda Oskay.



Erica de Greef and Lesiba Mabitsela, African Fashion Research Institute (South Africa)



Daan van Dartel, National Museum of World Cultures (Netherlands)



Ceyda Oskay (Turkey)



Puiyin Wong (London)

Fonte: Cheang, Sara. Apresentação: *Decolonizing the curriculum? Transformation, emotion and positionality/Decolonizando o currículo? Transformação, emoções e posicionamento docente*. Colóquio de Moda, Fortaleza, 2023

Mas estou me adiantando. Fiz um breve resumo do que aconteceu e por que, e aonde isso me levou. Agora, vou me basear nas reflexões de Shehnaz para

contar a ela parte da história do que fizemos juntas em 2018 e preencher mais alguns detalhes sobre nossa lógica intelectual conjunta para isso, que foi muito influenciada por pensadores do Sul Global enquanto trabalhávamos em um contexto do Norte Global e dependíamos de textos em inglês.

3.5 Fala de Shehnaz Surtewalla

Esta é a história de Shehnaz. Ela escreve:

Há alguns anos, eu vinha ministrando um curso especializado intitulado *Subcultures and Beyond* (Subculturas e Além). O estudo das subculturas tem uma história rica que cresceu a partir de suas raízes nas ciências sociais e nos estudos culturais desde a década de 1970 para abranger uma série de teorias e métodos. O foco dessas teorias está em como os grupos manipulam, se apropriam e subvertem a cultura dominante - especialmente a cultura material e visual - para expressar políticas alternativas, dinâmicas de poder e identidades.

Nos cursos que Sarah e eu ministramos em 2018, ambos estávamos interessados em revisar nossos currículos para desafiar a nós mesmos e nossos alunos acerca da finalidade cognitiva e social de nosso trabalho.

Por esse motivo, fiquei particularmente interessada em explorar como as teorias e os métodos subculturais poderiam ser usados para interromper as epistemologias e o pensamento ocidental/modernidade/colonial. Em um nível prático, eu me perguntava como o DIY—"do it yourself" (faça você mesma(o)), a pedra angular das técnicas e estratégias subculturais— poderia possibilitar ou cultivar a decolonialidade. Eu queria que meus alunos se engajassem em estudos de caso que explorassem ideias-chave de "rebeldia", "resistência", "identidade", "subjetividade" e "incorporação" como uma forma de criar fios de conexão com concepções decoloniais sobre normatividade e poder.

Há muito trabalho sendo feito sobre as estruturas conceituais da decolonialidade, mas é a ideia de prática, em termos de criar novos conhecimentos por meio de nossas experiências vividas, por meio de nossas histórias indígenas, histórias pessoais e narrativa de histórias, por meio da conexão com a memória, que me interessa. Pois concordo com as reflexões de Enrique Dussel sobre a práxis decolonial quando ele diz que, "sem práxis, nenhum caminho é aberto".

Os métodos e teorias desconstrutivistas que formam as raízes dos estudos subculturais se encaixam muito naturalmente com os métodos e teorias desconstrutivistas dos estudos decoloniais, privilegiando a ideia de subjetividade por meio da priorização de interpretações críticas da experiência e da reminiscência. Como a análise subcultural tem como objetivo desafiar a corrente principal, os valores normativos, as universalidades ou as grandes narrativas da modernidade, trabalhar nesse campo de estudos para criar novos caminhos decoloniais de conhecimento pareceu intuitivo e, às vezes, perfeitamente integrado.

Depois de quatro sessões de seminário, organizamos uma sessão de criação de zine, dando a cada aluno um kit de bricolagem: jornais, revistas, tesouras, cola e muitas canetas. Pedimos aos alunos que criassem uma resposta crítica usando o DIY para desafiar as grandes narrativas. Como resultado, eles apresentaram uma abordagem interessante sobre como as principais revistas de moda lidam com ideias de representação, ideais corporais e identidade como construídas culturalmente, e onde/como localizamos o poder nelas. Os alunos apresentaram seus zines, alguns dos quais desafiaram até mesmo as formas convencionais de publicação (nesse caso, criando algo bastante escultural), discutindo o conteúdo com ênfase especial no método.

Pensar em posicionamentos emocionais ao interagir com zines foi proveitoso em muitos níveis, pois nos ajudou a refletir sobre como nossas ações, processos e respostas baseadas na prática podem ser transformadoras.

Estávamos interessados em explorar a ideia de relacionalidade. Como nossas próprias histórias e concepções e práticas incorporadas, como nossas respostas, criam conversas e constroem novos entendimentos que podem contestar suposições, estereótipos, conhecimento incorporado - para desafiar pontos cegos e generalizações ocidentais. (o que é referido pelos escritores decoloniais como "as reivindicações totalizantes e a violência epistêmica política da modernidade" (Mignolo e Walsh, p. 1))

Em todas as nossas aulas, a narrativa de histórias havia se tornado uma forma central de transmissão e compartilhamento de informações. Os alunos contavam sobre suas próprias experiências e também sobre o passado de suas famílias, como uma forma de explicar diferentes histórias e ordens mundiais. Muitas

vezes, essas histórias eram conduzidas por reflexões emocionais provenientes de diferentes subjetividades translocais - subjetividades que são híbridas em diferentes lugares e pontos de vista e que extraem da experiência vivida histórias de diferença e diversidade.

O objetivo dessa pedagogia era cultivar conversas como uma forma de dar prioridade às posições emocionais e à narração de histórias pessoais como essenciais para o aprendizado coletivo (conforme Lorgia Garcia Peña) e para que essa fosse nossa tentativa de práxis decolonial - seja ela grande ou pequena.

Figura 4: Fotos do desenvolvimento das zines e evento realizados pelos alunos.



Fonte: Apresentação - Decolonizing the curriculum? Transformation, emotion and positionality/Decolonizando o currículo? Transformação, emoções e posicionamento docente. Colóquio de Moda, Fortaleza, 2023

Embora tenhamos nos proposto a explorar formas novas e mais eficazes de práxis de ensino decolonial, as duas coisas mais importantes que resultaram de nossa experiência foram a importância renovada da posição, da emoção e da conexão. Isso pode ativar todo um conjunto de ideias sobre como compreendemos a cultura, a subjetividade, a identidade e a individualidade, e como nos envolvemos com impulsos subconscientes a fim de trazer a pessoa como um todo para as abordagens críticas. Posição, emoção e conexão também têm peso na vida cotidiana, lembrando-nos do que está em jogo para nós mesmos e para nossos alunos, nosso bem-estar de longo prazo na sociedade e no mundo, bem como o avanço intelectual e na carreira.

Ainda estamos descobrindo quais são as melhores técnicas para esse tipo de trabalho e vendo quais podem ser as consequências. Como reconhecer e conciliar

estudantes e instituições expectativas maneiras que realmente crie maior inclusão e desafie os legados coloniais? Como reavaliar os métodos e os resultados do aprendizado e, ao mesmo tempo, encontrar os níveis certos de apoio emocional em toda a instituição, tanto para a equipe quanto para os alunos? Não sabemos se temos as respostas, mas acreditamos que essas são as perguntas certas nas quais podemos basear nossa prática de ensino.

4 Urgência que Cruza Caminhos, geografias e posicionalidades

4.1 Fala de Letícia Vieira

Bom dia. Meu nome é Letícia Vieira e trabalho no mercado de moda criando moldes para marcas de moda. Também já atuei como pesquisadora sobre subjetividade e identidade negra na moda e participei do grupo "Colonização e Ensino de Design no Brasil", na UFC. Gostaria de expressar minha gratidão pelo convite para o colóquio e minha satisfação em poder participar de reflexões sobre moda em um evento tão importante como este. Fiquei emocionada ao ler o relato de ensino das professoras Sarah e Shehnaz e gostaria de parabenizá-las pelo excelente trabalho. Achei excepcional a oportunidade e o convite a revisar, questionar e compreender como o ensino da moda é estabelecido.

Durante a leitura fui lembrando da minha experiência na graduação em moda, onde embora haja encorajamento ao debate científico, ainda não conseguimos abranger estudos além da esfera eurocêntrica e norte-americana. Ainda praticamos uma metodologia binária e excludente. Era e ainda é comum ver trabalhos de conclusão de curso que se concentram em mulheres brancas de classes A e B como público-alvo, com peças sendo produzidas especificamente para essas clientes. Além disso, as apresentações sobre o que é moda conceitual costumam ter nomes em sua maioria de estilistas brancos europeus, limitando a história ao surgimento da moda à burguesia do século XIV. Embora tenhamos amplo conhecimento das imagens das décadas de 70, 80 e 90 e saibamos de cor as tendências que vêm e vão, não conseguimos compreender as diferentes relações com as roupas.

Apesar de reconhecermos os nomes dos estilistas renomados, não conhecemos designers como Goya Lopes, Isa Silva e David Lee. Aprendemos muito sobre os hábitos e costumes das cortes francesas, mas pouco ou nada sabemos sobre as diferentes formas de amarração de turbantes, as joias usadas por mulheres negras e as roupas das baianas. Durante minha experiência acadêmica, sempre questioneei, mas não foi fácil estar nessa posição de aluna, especialmente em um contexto onde existe uma hierarquia de poder estabelecida no ensino e onde me encontro como uma mulher negra. É importante mencionar que professores universitários de moda ainda possuem atitudes racistas e nem sempre ouviram ou validaram minhas reflexões. Tinha e ainda tenho receio das consequências que minhas palavras e propostas de reflexão podem gerar. Tenho medo de sofrer represálias dentro do círculo da moda, onde todos se conhecem. Minhas questões em relação à moda surgiram da mesma forma que nas alunas da pós-graduação de Sarah e Shehnaz. Meu letramento racial começou um pouco antes de entrar na universidade, aos 18, 19 anos. Tive contato com textos antirracistas e, assim que ingressei na universidade, me juntei a grupos que discutiam o assunto. Era estranho então chegar às aulas e só ver uma única visão. Fui orientada a escrever sobre o que não encontrava, as lacunas, ser a inovação que a moda precisa. Desafiador, não? Me aprofundi então na pesquisa e vi que não estava sozinha. Heloísa Helena Oliveira dos Santos, Maria do Carmo Paulino dos Santos, Carol Barreto e muitas outras vozes falavam sobre o que eu queria. Mas por que tão poucas pessoas falavam sobre elas?

Mas nem tudo foi um filme de terror estilo Corra. Embora não sejam chamadas explicitamente de práticas decoloniais, vivenciei algumas ações de docentes tentando romper com a normalidade. Lembro-me das aulas de Moda, Comportamento e Cultura, nas quais a docente trazia pessoas que fugiam dos padrões da moda para compartilhar suas perspectivas sobre o assunto. Eu adorava as aulas de Moda e Cultura no Brasil e Corpo e Moda, que eram outros exemplos de como a docente trazia textos sobre problemas da moda, como gordofobia, racismo e homofobia. Fica aqui a sugestão, assim como Sarah e Shehnaz propuseram, de repensarmos o que estamos ensinando e estudando dentro da moda no contexto brasileiro.

Em conclusão, a decolonização do currículo de moda não é apenas uma necessidade, mas uma imperativa demanda do nosso tempo. Precisamos quebrar os paradigmas eurocêntricos e norte-americanos que têm dominado o ensino da moda e dar espaço às vozes e perspectivas subalternas que há tanto tempo foram negligenciadas. É hora de reconhecer e celebrar a diversidade de culturas e identidades que enriquecem o mundo da moda. Ao fazê-lo, não apenas enriqueceremos nossa compreensão da moda, mas também abriremos as portas para uma indústria mais inclusiva, justa e representativa. Agradeço novamente pela oportunidade de participar desta conferência e espero que nossas discussões hoje sejam o ponto de partida para uma transformação profunda e necessária no ensino da moda.

4.2 Fala de Douglas dos Santos

Saudações. Foi um prazer ser convidado para estar com todos vocês nesta manhã. Eu sou o Douglas dos Santos, trabalho como Consultor de Estilo. Sou graduado em Design-Moda. Mas a minha trajetória com a educação começou em 2015 em São Paulo, durante as ocupações secundaristas contra a Reorganização Escolar, projeto do atual vice-Presidente Geraldo Alckmin que iria fechar 94 escolas e encerrar turnos em tantas outras, realocando contra a vontade mais de 30 mil alunos fora professores e outros trabalhadores da educação. 254 escolas ocupadas depois, e uma geração de ativistas ingressou nas universidades tendo como bagagem vivências muito parecidas com as propostas por nossa colega Sarah, troca de histórias, produção de materiais em formatos diversos, mas principalmente a resolução coletiva dos problemas e a horizontalização das decisões por meio de perspectivas plurais. Gente pobre, que viu como as estruturas estão prontas para nos reprimir, passou a habitar as salas de aula do ensino superior, e se desapontou com o ensino ofertado.

Para fazer o ponto de conexão com essa mesa hoje, digo que foi muito intenso ler o artigo de Sarah e Shehnaz, a minha trajetória pessoal e de muitos que passaram por mim se conectam com as violências e lacunas relatadas. Passei junto com as minhas colegas desta mesa o processo de se debruçar sobre o ensino, debater de forma interseccional gênero, raça e classe buscando a compreensão das

estratégias de dominação que formam esse engenho colonial. Pudemos analisar a ementa do curso de Moda da Universidade Federal do Ceará, mas compreendo que os problemas encontrados não se resumiam ao nosso recorte. Por isso é importantíssimo que utilizemos esse espaço para desenvolver uma prática auto-reflexiva. Quem sou eu no meio de toda essa estrutura? Quais os meus acessos? Quem eu atinjo com meu discurso?

No que tange a relação aluno – professor, o que me empolgou com essa leitura que aborda um problema grave e urgente, foi ver a iniciativa de professores em trabalhar para desenvolver estratégias contra o modo colonial de ensinar e perpetuar desigualdades. Eu ouvi durante a minha graduação que quem tinha que mudar o mundo éramos nós, os jovens, que o tempo deles já tinha passado. Por acaso vocês já se aposentaram? Vocês pararam de impactar a vida de dezenas de alunos semanalmente? Você professor é peça fundamental para perpetuação do sistema colonial. E nós, jovens, pobres, pessoas de cor, marginalizados vamos continuar sim fazendo o possível para mudar, porque se não fizermos, morremos.

Compromisso com a transformação dos espaços é a forma como eu quero contribuir hoje é lembrar a todos os presentes: Vocês tem que se comprometer com a transformação dos espaços de ensino. É um problema estrutural, mas a estrutura é formada pela repetição de cada indivíduo. Se não começar na sua sala de aula vai começar onde? Vocês já estão com vantagem, estão diante de pessoas que já caminharam por essa via antes. Aproveitem, façam perguntas. Meus ancestrais ensinam que a gente abre caminho para que venha depois vá mais longe.

Renova meu espírito ver que uma parte dos questionamentos levantados sobre as ementas resultaram em algumas ações. Revisão de bibliografias, a criação de disciplinas para dedicar atenção à temática. Todos nós somos fundamentais, multiplicadores dessa iniciativa. Decolonialidade não deve ser apenas a diversidade sem complexidade, que nossas críticas e ações tenham como farol a justiça social.⁶

⁶ REVISÃO GRAMATICAL por Mi Medrado, UFBA e Letícia Vieira, UFC.

Referências:

- CHEANG, S. RABINE, L. SANDHU, A. International Journal of Fashion Studies, Volume 9, **Issue Decolonizing Fashion as Process**, Oct 2022, p. 247 - 255
- CHEANG, S., DE GREEF, E. and TAKAGI, Y. **Rethinking Fashion Globalization**, London: Bloomsbury, 2021
- DUSSEL, E., COOPER, Thia. **Politics of Liberation: A Critical World History**. London: SMC Press. 2016
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla.
- LANDER, Edgardo et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005.
- MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. **On Decoloniality. Concepts, Analytics, Praxis**. Durham: Duke University Press, 2018
- MIGNOLO, W. VAZQUEZ, R. **Decolonial AestheSis: Colonial Wounds/Decolonial Healings**. Social Text Online. 2013. Fevereiro, 4. 2024 https://socialtextjournal.org/periscope_article/decolonial-aesthesis-colonial-woundsdecolonial-healings/
- SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Penso Editora, 2013.
- SANTOS, Heloisa Helena de Oliveira. Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos. **Modapalavra e-periódico**, v. 13, n. 28, p. 164-190, 2020.
- PRECIOSA, Rosane. **Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos**. Editora Anhembi Morumbi, 2005.

Data de submissão: 19/01/2024
Data de aceite: 08/03/2024
Data de publicação: 21/03/2024